

# Pastorado escolar

## Perspectivas e desafios de uma nova pastoral educacional<sup>1</sup>

*Manfredo Carlos Wachs*

### Resumo

---

O presente artigo procura compreender a atuação pastoral numa escola. A reflexão parte do pressuposto de que a escola é uma comunidade distinta da existente numa igreja e que, muitas vezes, não havendo clareza dessa distinção, realiza-se uma transferência da forma de atuação na paróquia para a escola. O artigo procura justamente refletir sobre esse campo de atuação pastoral, traçando

um perfil tipológico das modalidades de atuação e apontando quatro perspectivas que podem ser priorizadas. Estas perspectivas, na maioria das vezes, estão interligadas e interdependentes. Entretanto, dependendo do projeto político-pedagógico da escola e das aptidões pessoais do pastor ou da pastora, se dará mais ênfase a uma ou outra perspectiva.

### Resumen

---

El presente artículo procura comprender la actuación pastoral en una escuela. La reflexión parte del supuesto de que la escuela es una comunidad distinta de la existente en una iglesia y que, muchas veces, no habiendo distinción de esta realidad, se realiza una transferencia de la forma de actuación de una parroquia para la escuela. El artículo busca justamente reflexionar sobre este campo de actuación pastoral, trayendo un

perfil tipológico de las modalidades de actuación y apunta cuatro perspectivas que pueden ser priorizadas. Estas perspectivas, en la mayoría de las veces, están interligadas e interdependientes. Sin embargo, dependiendo del proyecto político pedagógico de la escuela y las aptitudes personales del pastor o de la pastora, se dará más énfasis para una o para otra perspectiva.

---

<sup>1</sup> O presente texto foi apresentado no Seminário de Diretores da Rede Sinodal de Educação da IECLB, realizado no dia 04 de novembro de 1999, em Teutônia/RS. Anteriormente, o texto fora apresentado no curso de especialização com o título Fundamentos do Pastorado Escolar.

## Abstract

---

This article seeks to comprehend pastoral activities in a school. The reflection stems from the presupposition that a school is a different community than that of a church, and many times, because of not having clearly made this distinction, a transference is made of parish pastoral action to the school. The article seeks to reflect specifically about this field of pastoral work, tracing out a typo-

logical profile of the modalities of this work and pointing out four perspectives that can be prioritized. Most of the time, these perspectives are interconnected and interdependent. However, depending on the political pedagogical project of the school and on the personal aptitudes of the pastor, more emphasis will be given to one or another perspective.

## 1 – Introdução

Nos últimos anos, amplia-se a prática de pastorados escolares<sup>2</sup> nas escolas da Rede Sinodal de Educação da IECLB. Essa prática distingue-se de outras similares, como a capelania nas escolas batistas, metodistas, episcopais e também das escolas católicas<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo que se fortalece a prática, surge também a necessidade de se elaborar uma análise e síntese sobre a articulação dessa pastoral.

As pessoas diretamente envolvidas com essa pastoral não receberam, antes da inserção, um preparo específico para sua atuação nesse campo de trabalho. A formação, essencialmente teológica, careceu da perspectiva pedagógica que daria condições de contextualizar o teológico no ambiente escolar. A capacitação ocorria à medida que se desenvolviam a prática e a adaptação ao novo contexto de trabalho. O ritmo de atividades e a dinâmica de trabalho no ambiente escolar, muitas vezes, impõem uma integração imediata e não permitem uma adaptação gradativa.

Diante dessa realidade e necessidade, surgiu o curso de especialização em Ministério da Pastoral Escolar. Uma das disciplinas foi Fundamentos da Pastoral Escolar. Ela visava, partindo da prática vigente, uma sistematização crítica da prática e uma elaboração dos seus fundamentos, que orientasse o campo de trabalho. O presente texto pretende ser uma sistematização das reflexões apresentadas pelos participantes no decorrer do curso.

É necessário afirmar que não há um perfil padronizado dessa atividade e nem um modelo único e rígido de pastorado escolar. Isso permite que cada instituição de ensino, em conjunto com a sua equipe docente e administrativa e em consonância com o projeto pedagógico da escola, elabore as características fundamentais do pastorado. Por outro lado, percebe-se que cada pessoa que atua nesse campo de trabalho tem procurado acentuar o que sabe fazer e o que gosta de fazer. Dessa forma, o perfil do pastorado escolar tem-se baseado

---

<sup>2</sup> O contexto escolar do ensino fundamental e médio é um dos fatores centrais que diferencia essa prática da pastoral universitária.

<sup>3</sup> A Igreja Católica utiliza os termos “Pastoral Educacional” ou “Pastoral Escolar” e engloba tanto a atividade de religiosos quanto de leigos. Nas igrejas evangélicas é mais freqüente o termo “capelania”.

mais nas qualidades pessoais de determinado candidato do que no projeto pedagógico da escola. Em terceiro lugar, há ocasiões em que o pastorado escolar é constituído e alguém é contratado para a função,

conforme o imaginário e os desejos pessoais da direção da escola. Estes nem sempre coincidem com o projeto político-pedagógico da coordenação da escola.

## 2 – Elemento histórico

### 2.1 – Início do atual modelo de pastorado escolar

O atual modelo de pastorado escolar tem o seu embrião na Escola Evangélica Ivoti (EEI)<sup>4</sup>. A presença e atuação de pastores na EEI têm a sua origem no surgimento do Departamento de Catequese da IECLB e na formação de catequistas, que também teve a sua sede inicial nessa instituição de ensino. No início da década de 70, ocorreram diversas mudanças. O Instituto Pré-Teológico (IPT) é transferido de São Leopoldo para Ivoti e integra-se na Escola Evangélica Ivoti, e o Departamento de Catequese muda-se para São Leopoldo. Na mesma ocasião, é criado, em São Leopoldo, o Instituto Superior de Catequese e Estudos Teológicos (ISCET).

O seu perfil era mais de cunho teológico do que pastoral e colabo-

rava tanto com a gestão teológico-pedagógica da educação na IECLB quanto com a formação de educadores e educadoras para a atuação na Igreja. Até recentemente, a disciplina de Ensino Religioso no Ensino Médio mantinha o caráter de instrução sobre a doutrina e história da Igreja, visando, com isso, a formação de um profissional que atuaria na Igreja e não na escola. Essa raiz histórica fez com que, por um lado, se mantivesse uma filosofia educacional identificada com a confessionalidade e, por outro lado, uma contínua reflexão sobre o papel do Ensino Religioso na escola. Com o redimensionamento da Escola Evangélica Ivoti como escola de ensino fundamental, abrangendo a educação infantil, básica e o ensino médio, o pastorado escolar aproxima-se dos modelos existentes nas outras escolas evangélicas.

---

<sup>4</sup> Atualmente, denominada de Instituto de Educação Ivoti.

Já na década de 70, havia uma atuação de pastores da Comunidade Evangélica de Curitiba no Colégio Martinus. Os pastores, especialmente os que atuavam na paróquia do centro, davam aulas de Ensino Religioso no 2º grau, ministravam cultos em datas especiais e realizavam meditações. Essa atuação não era considerada um pastorado escolar, mas como uma atividade a mais a ser desempenhada pelos pastores da paróquia do centro. Por outro lado, pretendia-se conscientemente manter estreito o vínculo entre paróquia e escola. A irregularidade da atuação dos pastores, as dificuldades de conjugar as atividades escolares e paroquiais e a impossibilidade de uma maior inserção na escola apontavam para a inviabilidade desse modelo. Apesar dessas e de outras dificuldades, estava-se convicto da importância de manter o elo entre a escola e a paróquia. Os benefícios compensavam as dificuldades e os conflitos.

O atual modelo de pastorado escolar na IECLB, mantido pelo Departamento de Educação, teve início em 1982 no Colégio Pastor Dohms, em Porto Alegre. No início, o pastorado escolar exercido nessa escola era de tempo parcial, sendo o tempo dividido entre paróquia e

escola. Havia uma clara delimitação das atribuições do pastorado exercido tanto na paróquia quanto na escola, firmadas pela direção da escola e da paróquia. Apesar disso, percebeu-se, numa avaliação posterior, que havia uma diferença entre o estabelecido contratualmente e o imaginário das pessoas que integravam a direção das duas instituições. Nessa avaliação, constatou-se que o modelo de tempo parcial com atuação de uma pessoa nos dois campos de trabalho não é salutar para nenhum dos envolvidos. Dessa forma, surgiu o pastorado escolar de tempo integral. A escola prescindia de uma maior integração do pastor ou da pastora no contexto escolar.

Em síntese, esses três modelos formam o embrião da proposta de pastorado escolar articulado atualmente pelo Departamento de Educação.

## **2.2 – Origens do pastorado escolar**

No período da imigração alemã, os imigrantes preocuparam-se com a escolaridade dos seus filhos. Não existiam, contudo, professores formados. Pastores ou pseudo pastores, na maioria dos casos, assumiam as funções de mestre-escola<sup>5</sup>. Devido à

---

<sup>5</sup> Martin N. DREHER, *Igreja e germanidade*, p. 60-65.

união do professor e do pastor numa única pessoa, constitui-se um relacionamento bastante estreito entre comunidade e escola, o qual se manteve, na maioria das comunidades, praticamente até a Segunda Guerra Mundial.

Pode-se afirmar que historicamente as figuras do pastor e do professor mesclavam-se ao ponto de, às vezes, o pastor exercer a atividade de professor e, outras vezes, o professor a de pastor. Essa situação repetese na década de 70, quando, devido à expansão da IECLB para as novas áreas de colonização e à carência de pastores, muitos catequistas assumem funções pastorais. Estes recebem uma preparação complementar para o exercício da nova atividade.

Por outro lado, havia entre os primeiros pastores luteranos vindos ao Brasil grande preocupação e envolvimento com a educação<sup>6</sup>. A maioria deles exercia atividade docente nas escolas. Os ministérios pastoral e docente eram vistos como sendo um único e estavam a serviço da

missão. No início, portanto, havia plena integração entre ministério pastoral e educacional.

Ocorreu, nos últimos anos, um distanciamento entre a escola confessional e a Igreja. O distanciamento entre Igreja e escola pública já havia ocorrido anteriormente. A análise dos fatores objetivos e subjetivos desse distanciamento contribuiria para formular com mais consistência a identidade luterana das escolas.

O reconhecimento desse distanciamento faz com que se projete, na figura e na atividade do pastor, a dupla função de: a) reafirmar ou resgatar<sup>7</sup> a entidade confessional e b) reaproximar a Igreja e a Escola Evangélica<sup>8</sup>.

Portanto, independente do perfil e do carisma pessoal do pastor em uma determinada escola, percebe-se que o pastor ou a pastora exerce um papel de mediador teológico e político. Um mediador entre duas estruturas jurídica e administrativamente autônomas. Esse papel de mediador,

---

<sup>6</sup> Carlos Eduardo Bock descreve, numa monografia, a relação entre pastorado e educação exercida por pastores no início da Igreja Luterana no Brasil. Ele constata que a maioria dos pastores eram também professores. Atuavam, portanto, tanto no âmbito da escola quanto da paróquia.

<sup>7</sup> Alexandre Monich analisa, numa importante monografia, o imaginário da pastoral escolar como “pastor de ovelhas perdidas”. O autor analisa criticamente o imaginário do resgate da “perdição”, operado pelo pastor escolar ou projetado como um desejo de resgate.

<sup>8</sup> Claudete Ulrich está desenvolvendo uma pesquisa de mestrado sobre essa pergunta.

porém, nem sempre é consciente e transparente nas ações executadas pelas partes. Essa reaproximação não é automática. É necessário um desejo político de ambas as partes, tanto da escola quanto da direção da Igreja e da paróquia. Entretanto, pergunta-se: Será que não se projeta no pastorado escolar uma expectativa de aproximação e de mediação que deveria, na verdade, estar inserida em todo o projeto político-pedagógico da escola e não somente ser entendida como função de um ministério?

### **2.3 – Modelos atuais de Pastorado Escolar**

No atual quadro de atuação de pastores e pastoras, constata-se quatro modelos de atuação: 1) modelo de dedicação exclusiva; 2) modelo misto; 3) modelo comunitário; 4) modelo de acompanhamento. Os seus limites não são rígidos e nem sempre estão claramente delineados.

1) No *modelo de dedicação exclusiva*<sup>9</sup>, o pastorado é exercido em tempo integral na escola. Todas as atenções estão voltadas à escola. As atividades abrangem tanto o aconselhamento pastoral, celebrações em forma de meditações para estudantes e docentes, cultos e eventuais reti-

ros espirituais, atuação como docente da disciplina de Ensino Religioso, quanto o acompanhamento de atividades dos demais professores, a integração da equipe de coordenação pedagógica da escola e a reflexão teológica com e sob a ótica da escola.

O referencial tipológico desse modelo é a escola. Conseqüentemente, toda a atividade pastoral é compreendida a partir da escola e não da paróquia. A pessoa que exerce o pastorado escolar necessita de um bom conhecimento pedagógico e teológico. É um conhecimento que precisa ser ressignificado para a elaboração de uma nova hermenêutica, ou seja, uma hermenêutica pedagógica. É uma hermenêutica que não exclui outras perspectivas, como a histórico-crítica, libertadora, inclusiva e feminista, mas que as redimensiona.

Aqui há também um redimensionamento da questão relacional. O pastor ou a pastora é um/a integrante da equipe pedagógica da escola. A qualidade e condição básica, neste modelo, é a disposição e a capacidade para atuar em equipe. Não possui o status de poder idêntico ao do pastorado exercido na paróquia. A sua autoridade se configura e se constitui à medida que a pessoa se integra na equipe e, como membro igua-

---

<sup>9</sup> Este modelo é considerado como oficial pelo Departamento de Educação da IECLB.

litário, os seus aportes teológicos e pedagógicos contribuem para o conjunto da escola.

Um dos perigos deste modelo está em transformar a atividade pastoral num ativismo rotineiro. Pois a pessoa precisa apresentar uma meditação inédita a cada reunião, acompanhar o mesmo ritmo de reflexão pedagógica da coordenação, saber comunicar-se com a mesma qualidade com uma massa de estudantes e com um grupo pequeno e saber mediar os conflitos entre estudantes, professores e direção da escola. O ritmo e a diversidade das atividades exige agilidade e capacidade de adaptação aos diversos contextos e linguagens.

Um dos desafios é o de estabelecer o elo entre comunidade eclesial e comunidade escolar. Devido à absorção integral do pastor ou da pastora na escola, pode ocorrer, espontaneamente e contra a sua vontade, um distanciamento da paróquia e da vida paroquial. Uma outra dificuldade deste modelo é o sentimento de descomprometimento da comunidade eclesial para com a escola e da falta de afinidade da escola em relação com a paróquia.

2) No *modelo misto*, o pastorado é exercido em tempo parcial na paróquia e na escola. No âmbito da escola, as atribuições são quase idênticas às de dedicação exclusiva. A di-

ferença está na intensidade e na quantidade de atividades que é possível executar. No âmbito da paróquia, ocorre algo semelhante. Estima-se que a pessoa desempenhe as mesmas atividades que uma pessoa que atua em tempo integral, resultando, com isso, uma sobrecarga de atribuições e expectativas que facilmente se transformam em frustrações.

Neste modelo, é importante definir claramente as atribuições e atividades de cada campo de trabalho. Uma das dificuldades consiste em atuar em dois contextos com estrutura e concepção diferentes de ação pastoral. A diferença entre ambas também está presente na dinâmica relacional das pessoas, na linguagem e na forma de articulação do pensamento religioso. Facilmente podem ocorrer incompreensões, tanto num quanto no outro ambiente, pois as mediações simbólicas são distintas. Há o perigo de se transferir literalmente para a escola a prática paroquial.

Outro perigo reside nas expectativas e projeções dos líderes. Por parte da comunidade eclesial pode haver a expectativa de aumentar, através uma ação missionária na escola, o número de membros ou de que a escola assuma uma parcela maior dos encargos financeiros do pastorado. Por parte da direção da escola, em contrapartida, a presença de algum



pastor ou pastora na mesma pode gerar a expectativa de garantir a harmonia das relações, criar uma aura religiosa no ambiente e nos princípios da filosofia institucional.

Por outro lado, esse modelo permite maior integração e inter-relação entre paróquia e escola. O pastorado pode ser tanto o braço estendido da escola para fora do seu ambiente, quanto aquele que traz novos desafios e olhares para dentro da escola. A vantagem desse modelo consiste no fato de o pastorado escolar não ficar enclausurado no ambiente escolar.

3) No *modelo comunitário*, a paróquia sente um compromisso com a escola. Esse sentimento pode ser maior ou menor e, muitas vezes, depende de quem ocupa a liderança em ambas as instituições. Nesse modelo, a paróquia cede um pastor ou uma pastora, da sua estrutura eclesial, para a escola e procura acompanhar as suas atividades. O campo do pastorado ou da capelania é entendido como da paróquia e, conseqüentemente, o pastor ou a pastora é considerado/a “funcionário/a” da paróquia, apesar de, eventualmente, receber o seu salário da escola. O vínculo entre a escola e a paróquia é quantificado pela concepção e atuação do pastor ou da pastora.

Aqui o pastorado pode ser exercido tanto pelo modelo misto quanto pelo de dedicação exclusiva.

Uma das dificuldades desse modelo é que o vínculo entre paróquia e escola está mais na dependência da pessoa que exerce a atividade, pois exige um certo carisma da mesma. A princípio, essa pessoa tem dois “patrões”: a direção da escola e o presbitério da paróquia, e o seu desempenho é acompanhado por ambos. Uma dificuldade consiste no fato de a liderança paroquial manifestar, às vezes, o desejo de intervir administrativa-mente na escola. Também pode ocorrer o contrário: a escola impor à Igreja o seu modelo administrativo. Estas e outras formas de ingerência são geradoras de conflitos e de rupturas.

4) Há ainda o modelo que pode ser denominado de *acompanhamento*, no qual o pastorado escolar é exercido por alguém que atua na paróquia e dedica à escola um período limitado do seu tempo.

Nesse modelo, o pastorado é exercido de forma muito pontual, através de celebrações em datas especiais, datas religiosas ou comemorativas da escola, formaturas ou meditações em início e fim de ano letivo, bem como a poimênica e outras atividades bem delimitadas. Nesse modelo, o pastor ou a pastora é compreendido como quem exerce um papel de mediador. Alguém neutro e que não está comprometido com as tensões escolares e pode, dessa ma-

neira, auxiliar no diálogo conciliador e desafiador.

Uma das dificuldades desse modelo reside no fato de a pessoa ser considerada um “pára-queda”. Esta metáfora aponta também para a dimensão de “estranho no ninho” ou de visitante. Devido a isso, a pessoa tem dificuldade de exercer o seu papel, pois, muitas vezes, não percebe as mediações simbólicas presentes nas relações e nas linguagens pedagógicas do ambiente escolar. Aqui não basta ter conhecimento do discurso pedagógico. É necessário estar inserido na sua dinâmica. Uma outra dificuldade desse modelo é a disponibilidade de tempo, pois a absorção pelas atividades paroquiais nem sempre permite um acompanhamento regular das atribuições e das solicitações por parte da escola.

Por outro lado, esse modelo é uma forma de exercitar uma inserção gradativa na atividade escolar e no ambiente escolar. Dessa forma, é possível suavizar as dificuldades de adaptação existentes nos modelos anteriores, pois naqueles a adaptação tem que acontecer de forma acelerada. Outra vantagem importante é a manutenção do vínculo entre escola e paróquia e a inserção das pessoas nas atividades de ambos os contextos.

5) É necessário, porém, mencionar um quinto modelo. Este distin-

gue-se significativamente dos demais, pois o pastor ou pastora ocupa um cargo diretivo e administrativo. É o *modelo administrativo*. Nesse modelo, o pastor ou a pastora assume a direção da escola, sendo diretor geral do estabelecimento de ensino, ou então possui um cargo e uma função com nítidas características administrativas. Devido às obrigações decorrentes do cargo, há um distanciamento de um perfil imaginário da atuação de um pastor ou uma pastora.

Tanto em termos salariais quanto organizacionais, há um distanciamento de outras pessoas que atuam no pastorado. Apesar da pessoa usar o título de pastor, na maioria das situações, não é mais compreendido e nem considerado como tal nem pela comunidade escolar e nem pela comunidade religiosa. Utiliza-se do título de pastor ou pastora quando lhe convém para as relações com a Igreja ou quando pretende dar um caráter religioso às suas ações. O Conselho de Educação da Rede Sinodal de Educação não reconhece esse modelo como sendo de pastorado escolar.

#### 2.4 – Pastor ou teólogo

O documento “Nossa fé – Nossa vida” define o pastor como alguém responsável pela conservação da sã

doutrina e pela administração dos sacramentos. Diante de tantas correntes e tendências teológicas existentes, surge a pergunta pelo que é a “sã doutrina” pela qual o ministério pastoral é responsável, bem como pela compreensão teológica dos sacramentos. Na prática, no dia-a-dia das atividades pastorais verifica-se um comprometimento maior com a sua opção de linha teológica do que com a doutrina da Igreja, seja ela ortodoxa ou não.

Na análise do pastorado escolar também se deve incluir a reflexão sobre o ministério compartilhado? Essa reflexão procura redefinir o papel do pastor e redimensionar a sua relação para com os demais ministérios (catequético, diaconal e missionário). Atualmente também as pessoas do ministério catequético e diaconal recebem a ordenação para o exercício do seu sacerdócio. Como pessoas ordenadas ao ministério da Igreja, também são responsáveis pela preservação da sã doutrina, conforme afirma o documento “Nossa fé – Nossa vida”.

A missão da pregação do Evangelho, do testemunho do Evangelho é de toda a Igreja. A Igreja, como comunhão dos santos justificados por Deus, é que tem a tarefa da divulgação do Evangelho. A tarefa missionária é, portanto, de toda

a Igreja. Os ministros ordenados recebem a incumbência por parte da Igreja de manter viva essa missão.

Nas escolas da Rede Sinodal de Educação, há inúmeros catequistas e pessoas engajadas nas comunidades eclesiais que testemunham da sua fé e mantêm viva a missão da propagação do Evangelho. Com isso, ousou afirmar que não é a presença do pastor ou da pastora que garante o cumprimento da tarefa missionária do testemunho do Evangelho. Não é o pastor ou a pastora que vai resgatar a “ovelha perdida”, mas sim as pessoas que vivenciam o Evangelho. Assim como na paróquia, também nas escolas há o perigo do “pastorcentrismo”. Aqui, mais do que a centralização das ações, o perigo consiste no imaginário da ação salvífica que se concentra na pessoa do pastor ou da pastora.

Constato, entretanto, que, mais do que um pastor de “ovelhas perdidas”, necessita-se e deseja-se um teólogo que saiba articular teologicamente a vida escolar.

## **2.5 – Pastoral Escolar**

Marcos Sandrini, católico redentorista, afirma que a pastoral da educação “é o esforço articulado e consciente de ir proclamando e construindo o Reino de Deus no e através

do mundo da educação”<sup>10</sup>. O conceito católico de pastoral refere-se ao agir da Igreja e não ao do sacerdote ou do pastor. Sandrini, dessa forma, apresenta uma definição aberta e ampla. A pastoral da educação não se limita à questão religiosa, mas influencia o projeto político-pedagógico da escola, pois está impregnado do paradigma cristão do Reino de Deus. A missão da congregação mantenedora da escola deve estar claramente presente na filosofia educacional do estabelecimento.

Sandrini não restringe a pastoral à atuação do clero; conseqüentemente, a coordenação e a realização da pastoral podem ser exercidas por pessoas “leigas”. A pastoral religiosa de vivência e aprendizagem dos conteúdos religiosos é uma das dimensões que integram a pastoral da educação. Apesar dessa definição, é importante verificar se não ocorre, nas escolas católicas, uma concentração da pastoral nas mãos do clero.

A análise de Sandrini provoca o questionamento: Se a terminologia “pastorado escolar” não restringe demais e enclausura o campo de trabalho a um único perfil de formação teológica na Igreja? A questão é se a terminologia “pastoral escolar” não

seria mais condizente ao princípio teológico luterano do sacerdócio geral do que a de “pastorado escolar”. A opção pela terminologia “pastoral escolar” criaria um maior vínculo com o contexto do campo de trabalho e o próprio projeto implícito e explícito dessa atividade e não tanto com a pessoa de um determinado ministério que possa exercer essa atividade. A terminologia “pastorado escolar” é excludente em seu princípio, pois de antemão não considera a diversidade do ministério e nem a qualidade do desempenho pessoal. Reconhecer e, eventualmente, concordar com essa análise implica perguntar pela viabilidade e aceitabilidade de se contratar um “não-pastor/a” para esse campo de trabalho.

Reconhecendo esse questionamento, novamente é necessário indagar se a terminologia não reforça a clericalização da atuação pastoral. Partindo do pressuposto de que o “pastorado escolar” integra a equipe de coordenação pedagógica da escola, por que, obrigatoriamente, tem que ser exercido por um pastor ou uma pastora? Pode-se concluir que a terminologia adotada não é a mais apropriada.

<sup>10</sup> Marcos SANDRINI, *Pastoral da Educação : possibilidades e limites*, p. 47.

### **3 – Contexto de atuação**

#### **3.1 – Contexto escolar**

O contexto não pode ser visto somente como espaço geográfico ou estrutural, mas como uma perspectiva de análise da realidade e de interpretação dos fundamentos que determinam o Pastorado Escolar. O contexto é referencial de análise e direcionamento da ação tanto do campo de conhecimento teológico quanto pedagógico. Ele é, portanto, determinante para a hermenêutica que estabelece os paradigmas da reflexão e prática.

O contexto do pastorado escolar é a escola. O olhar hermenêutico se dá sem excluir o para, na e da escola. Isto significa que a análise é desenvolvida a partir do lugar em que se encontram o sujeito e o objeto cognoscente e cognoscível. Essa perspectiva implica um redimensionamento da interpretação tanto das Escrituras Sagradas quanto da eclesiologia das relações e das estruturas religiosas.

A dimensão educacional e, conseqüentemente, a reflexão pedagógica é inerente à escola. Ela faz parte da sua essência. Sem o pedagógico, a escola deixa de ser escola e torna-se uma instituição sem fins educativos. Devido a isso, as finalidades, os conteúdos e as relações

personais na escola estão direcionadas para o processo educacional.

Ouso afirmar que, no contexto escolar, as manifestações religiosas e a busca pela transcendentalidade também é permeada por mediações pedagógicas. Essas mediações não se restringem às metodologias e atividades educacionais. Elas contêm símbolos com caráter pedagógico, que permitem acesso às estruturas mentais e religiosas que as linguagens de outros campos do conhecimento não conseguem efetuar.

Devido ao seu contexto, o pastorado escolar é determinado pela dimensão pedagógica. A base na qual se apóia o pastorado escolar é educacional. Desconsiderar essa situação implica construir uma perspectiva de trabalho sobre uma base instável e descontextualizada.

Entretanto, considerando a função do pastorado escolar, sobressai a conotação teológica e pedagógica da atuação. A partir do contexto, pode-se, portanto, concluir que o pastorado escolar tem um caráter mais teológico do que pastoral, nos moldes do “pastor de ovelhas perdidas”. Conseqüentemente, quem exerce o pastorado escolar precisa ser, de forma consistente, um teólogo que arti-

cule pedagogicamente o seu pastorado.

### **3.2 – Realidade plurirreligiosa e multicultural**

A realidade plurirreligiosa não se restringe às escolas públicas da rede municipal e estadual, pois também está presente nas escolas confessionais. Também as escolas confessionais com característica mais fechada não cerceiam o acesso de pessoas de outras denominações religiosas, pois não se concebe mais uma política seletiva e excludente, mesmo que seja por razões ideológicas ou religiosas. Por outro lado, não se deve ignorar que os processos excludentes ainda permanecem e são aplicados de forma sutil.

A política de integração das pessoas de outros credos religiosos pode estar caracterizada pela dimensão missionária. Ela pode ter dois enfoques distintos: a) com caráter proselitista e b) de testemunho de fé. O caráter proselitista pode expressar-se de forma agressiva ou mais sutil. O proselitismo pode se dar através de campanhas evangelísticas acirradas, de aulas fortemente doutrinárias ou mesmo através de uma espiritualidade carregada por uma religiosidade exclusivista. A presença de pastores ou pastoras e de missionários na escola pode ter a finalidade de conseguir novos adeptos à

instituição religiosa. Por outro lado, a ação missionária através do testemunho de fé pode se dar numa perspectiva dialógica, em que é respeitada a diversidade da expressão religiosa, mas, ao mesmo tempo, a identidade confessional da instituição está claramente presente na filosofia do projeto político-pedagógico da escola. A missão se dá a partir da convicção pessoal e da postura dialógica inclusiva.

### **3.3 – Identidade confessional**

Em decorrência das prerrogativas da nova LDB, as escolas estão reelaborando o seu projeto político-pedagógico. Essa reelaboração coincide com a retomada da reflexão sobre a identidade luterana das escolas da Rede Sinodal de Educação. A análise conjunta dessas duas categorias permite uma formulação da filosofia educacional e um perfil peculiar e singular dessas escolas. Nesse contexto de reflexão, deve-se perguntar: Qual é a contribuição do pastorado escolar, ou seja, do teólogo na elaboração do projeto de cada escola e da própria Rede?

É marcante a presença tanto da pessoa de Martim Lutero quanto dos princípios da Reforma Luterana nos livros de história da educação. Há um reconhecimento da sua contribuição para a história da educação. Com isso

pode-se afirmar que o pensamento luterano, desencadeado na Reforma do século XVI, transcende o âmbito eclesial. Há uma identificação intrínseca entre o teológico e o educador na Reforma Luterana. Dito de outra forma: a educação é intrínseca à cultura e à teologia luterana.

No processo de contextualização das escolas da Rede Sinodal na realidade brasileira e numa maior inserção na educação brasileira, percebe-se um fortalecimento da cultura educacional e uma diminuição da germanização da escola. Cada vez menos, as escolas da Rede Sinodal de Educação estão sendo identificadas como a escola dos alemães e cada vez mais com o pensamento educacional luterano. Esse processo dinâmico de mutação da cultura educacional é decisivo para a identidade das escolas confessionais. Dentro dessa perspectiva, é necessário resgatar e revalorizar a teologia como uma companheira no processo de redimensionamento.

Por outro lado, na época “pós-cristã”, o cristianismo aparentemente perdeu a sua posição de monopólio religioso<sup>11</sup>. Também em redutos fechados do cristianismo ocidental, percebe-se a presença de elementos religiosos orientais ou de outras matrizes

religiosas. O resgate da religiosidade de culturas indígenas e negras também tem facilitado a miscigenação. A globalização da expressão religiosa contribui não somente para a quebra desse monopólio, mas principalmente para a reconfiguração da religiosidade das pessoas e para o sentimento de não ser necessária uma filiação confessional.

### 3.4 – Sujeitos

O pedagogo da religião alemão R. Köcher<sup>12</sup> comenta: “O enfraquecimento do contato com a Igreja e a retirada da educação religiosa de muitas casas de família têm consequências graves (...). Com a perda de significado da religião na geração mais jovem e o esforço cada vez menor dos pais na educação religiosa, desaparecem também um saber religioso e – o que é mais importante – o vocabulário, a capacidade de expressar situações e pensamentos religiosos; em parte, a fé se torna aqui não apenas invisível, mas também afônica.”

Numa primeira reação a esta afirmação, que retrata a realidade da pós-modernidade, deve-se perguntar: Essa análise refere-se também ao contexto

---

<sup>11</sup> Norbert METTE, *Pedagogia da Religião*, p. 28.

<sup>12</sup> R. KÖCHER, *Tradierungsprobleme in der modernen Gesellschaft*, p. 179.

das escolas da Rede Sinodal de Educação? Sem dados precisos, devido à ausência de uma pesquisa de campo quantitativa, mas baseando-se na experiência da relação pessoal com diversas escolas da Rede, pode-se afirmar que essa “voz afônica” também se evidencia na nossa realidade. Para muitas crianças e jovens, a vivência e a instrução religiosas recebidas na escola são as únicas que receberam e desenvolvem. Acrescenta-se, aqui, uma constatação recente da Comissão de Ensino Confirmatório da IECLB de que a maioria dos jovens que ingressa no Ensino Confirmatório é “analfabeta” de conhecimentos bíblicos. Esse analfabetismo dificulta e quase impossibilita o processo educativo de aprofundamento da base doutrinária.

Outro ingrediente da análise a respeito do sujeito que convive no ambiente escolar é o sentimento de falta de esperança e perspectiva futura por parte de adolescentes. Uma grande parte dos adolescentes que frequenta o Ensino Médio não vê boas perspectivas para o seu futuro. Os sentimentos de insegurança e instabilidade também assustam e desequilibram as pessoas adultas, pois precisam conviver com a ameaça de desemprego, de insegurança social e

instabilidade das relações pessoais.

K. Hurrelmann<sup>13</sup> afirma: “Pagamos um alto preço pela industrialização e urbanização desenvolvidas (...). As altas quotas de delinqüência, criminalidade e agressividade entre crianças e jovens falam uma linguagem tão clara quanto o incremento do consumo de álcool e drogas (...) e a crescente quota de suicídios tentados e efetivados”. As forças destrutivas “para dentro” e a disposição para a agressão e destruição “para fora” são apenas os dois lados da mesma moeda<sup>14</sup>.

Com vistas à socialização religiosa, considerando a pressão estrutural pelo individualismo, observa-se que estão condenadas ao fracasso as tentativas de integração a um ambiente confessional claramente preconcebido. A individualização das situações de vida determina uma fê marcadamente pessoal e individual. Integra essa socialização e individualização religiosa o caráter da religião como consumo do mercado de ofertas. As pessoas consomem o que lhes agrada. Os “clientes” das escolas confessionais não estão isentos e nem neutralizados dessas influências.

Portanto, o processo e o conteúdo do pastorado escolar não se res-

<sup>13</sup> K. HURRELMANN, Anspruch auf die “Lebensphase Kindheit”, p. 13-24.

<sup>14</sup> Norbert METTE, *op. cit.*, p. 34.



tringem a uma adequação e modernização da metodologia para o ambiente escolar, mas é necessário con-

siderar a contraditoriedade das condições de uma sociedade moderna com traços de pós-modernidade.

## **4 – Missão**

### **4.1 – Obra de Deus**

A missão da Igreja é essencialmente obra de Deus. Ela não é obra das pessoas. A missão é a ação do Espírito Santo. As pessoas operacionalizam a obra do Espírito Santo. Diante disto, a Igreja, e conseqüentemente a sua ação, não é resultado dos sucessos, das qualidades e dos méritos das pessoas. Deve-se dizer que a Igreja existe apesar dos fracassos da ação humana. A existência da Igreja independe da especialização ou não das pessoas.

Por outro lado, a pessoa, justificada pela graça de Deus e presenteada pela sua misericórdia, colabora na missão como resposta de gratidão à ação de Deus. Ao mesmo tempo, é Deus quem chama, capacita e envia a pessoa à missão. A missão não deve ser entendida como campo de ação ou como projeto de trabalho, mas como a própria encarnação do Evangelho, como decorrência da encarnação de Deus em nosso meio, como presentificação do Deus-Emanuel.

### **4.2 – Escola e missão**

Dentro de um contexto de pluralidade religiosa na escola e de um espírito de ecumenicidade, não se pode compreender a escola como um campo de missão proselitista, mas como espaço de testemunho do Evangelho, da gratuidade da graça divina e da manifestação da sua misericórdia. A perspectiva ecumênica direciona as atividades religiosas na escola para uma perspectiva de diálogo inter-religioso, onde as identidades confessionais pessoais são valorizadas e fortalecidas.

Essa compreensão de missão, decorrente do próprio entendimento de Evangelho, influencia uma visão antropológica da educação, de tal forma que possa determinar e condicionar a própria prática educativa e o processo relacional no ambiente escolar. A visão antropológica decorrente da doutrina teológica da justificação pela graça deve também influenciar as relações de poder e de disciplina interna e externa ao ambiente escolar. Dessa forma, a teologia contribui para o pensar pedagógico e a sua concretização. A

teologia assume, assim, o caráter de parceira científica para a constituição do projeto pedagógico da escola.

Missão e escola não são órgãos estranhos e nem oponentes um do outro. Elas são parceiras num projeto maior. Pode-se afirmar que a missão, como projeto do próprio Deus, coloca-se à disposição da escola para que esta alcance o seu intento, atinja

o seu alvo, a finalidade da sua própria existencialidade. Portanto, a missão presta um serviço à escola. Por outro lado, a escola, como ambiente físico das relações humanas e do processo de aprendizagem da vida, dispõe do seu espaço para a Igreja desenvolver a sua missão. Portanto, a escola presta um serviço à Igreja.

## 5 – Desafios

Considerando os diversos aspectos analisados, impõem-se ao Pastorado Escolar os seguintes desafios:

1) Redimensionar uma estrutura mental que está voltada para uma eclesiologia paroquial. A formação de pastores e pastoras pressupõe uma origem e inserção direcionada para o modelo paroquial tradicional, onde se procura fortalecer os vínculos permanentes entre as pessoas. Esses vínculos são demarcados por ritos casuais ou contínuos. O contexto da escola é de constituição ecumênica com uma identidade confessional. É necessário repensar uma eclesiologia na e da escola.

2) Saber distinguir o papel e a função do pastor das atribuições dos demais profissionais da coordenação da escola. Pode ocorrer que pastores ou pastoras com habilidades na área de aconselhamento pastoral assumam as funções do psicólogo da escola ou

da orientação educacional. Na maioria das vezes, as dificuldades escolares de crianças e jovens são de origem psicopedagógica. Uma orientação, nesses casos, necessita de um conhecimento das dificuldades de aprendizagem.

3) O pastorado escolar pressupõe não somente disponibilidade para o trabalho em equipe, mas forte inclinação e capacidade para tal. A estrutura escolar é diferente da de uma paróquia. Na paróquia, não obstante a existência do presbitério, o pastor ou a pastora exercem muitas vezes uma autoridade com certa dose de autoritarismo e, ademais, são instituídos como autoridade maior. Na escola, o pastor ou a pastora integram uma equipe de trabalho que coordena as atividades pedagógicas da escola. O desafio é estar plenamente consciente das implicações desse fato.

4) Um grande desafio, não como mera obrigação, é a aprendizagem da reflexão pedagógica. Essa aprendizagem não deve ser considerada como uma modalidade de adaptação, mas como algo que move e fundamenta o pastorado escolar. O desafio maior é a correlação entre a teologia e a pedagogia como duas ciências das áreas humanas que possuem cientificidade própria e, ao mesmo tempo, são co-irmãs.

5) Um outro desafio é desenvolver um conceito de missão que saiba dialogar com a diversidade religiosa da escola sem se perder num obscurantismo. Saber evidenciar uma identidade confessional sem se perder no confessionalismo e nem desenvolver uma abertura ecumênica na qual não se percebe mais nenhuma identidade própria.

6) Um outro desafio de aprendizagem do seu papel é aprender a co-

locar-se sob a hierarquia administrativa da escola. Isto significa assumir as responsabilidades e obrigações de um funcionário à semelhança das outras pessoas da coordenação.

7) Dentro de um contexto cada vez mais pós-moderno, com um crescente esvaziamento do saber e da vivência religiosa, como conseguir ser pastor e teólogo? O desafio não consiste na adequação da metodologia, mas na busca por um redimensionamento do próprio projeto pastoral.

8) Como desenvolver uma pastoral escolar que não seja clericalizada? Um trabalho em que sobressai o projeto educacional ao invés do emprego e do cargo? Ao mesmo tempo, como transportar um projeto de pastoral da escola para além dos muros da escola confessional?

## **6 – Concluindo**

Diante do acima exposto, considerando o contexto da escola, a pessoa que exerce a atividade de pastorado escolar tem quatro tarefas específicas:

a) Como teólogo/a, articular pedagogicamente o projeto de Deus, visando o fortalecimento da integridade e da identidade do ser humano como sujeito na e da história, dentro

de um contexto escolar aberto e inclusivo, auxiliando, dessa forma, os corpos docente, discente e administrativo a refletirem teologicamente a sua existencialidade. Para tanto, a pessoa precisa ser teóloga.

b) Como pastor/a, promover a mediação entre as pessoas e Deus, das pessoas com outras pessoas e das pessoas consigo mesmas, pastoreando,

dessa forma, as esperanças e promovendo a dignificação do ser humano, através de celebrações casuais e cotidianas, coordenações de ritos em momentos que demarcam a vida e a orientação espiritual de cada pessoa. Para tanto, a pessoa precisa ser pastora.

c) Auxiliar teologicamente na articulação do projeto político-pedagógico da escola e contribuir na elaboração do planejamento da disciplina de Ensino Religioso, tanto na capacitação teológico-pedagógica quanto metodológica, sendo mais um/a companheiro/a da equipe do corpo docente do que uma pessoa especialista que possui as “verdades”. Nesta caracterização, a pessoa que exerce o pastorado escolar se integra, inclusive, ao quadro de professores de Ensino Religioso. Para tanto, a pessoa precisa ser educadora.

d) Desenvolver o aconselhamento pastoral das pessoas dos corpos docente, discente e administrativo naquilo que concerne à área pastoral, sem interferir na atuação de especialistas do campo psicológico, considerando as questões que envolvem a sua religiosidade e existencialidade humanas, sabendo discernir entre aconselhamento espiritual e dificuldade de psico-aprendizagem. Para tanto, a pessoa precisa ser poimênica.

Dessa forma, podemos vislumbrar o pastorado escolar nesse quadripé: teólogo-pedagogo, pastor, educador e poimênico. O pastorado escolar fundamenta-se nesse quadripé, podendo dar mais ênfase a um ou outro enfoque, dependendo do projeto político-pedagógico da escola e das qualidades pessoais do/a pastor/a.

## **Bibliografia**

- DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade* : estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo/Porto Alegre/Caxias do Sul : Sinodal/EST/UCS, 1984.
- HURRELMANN, K. Anspruch auf die "Lebensphase Kindheit". *Deutsche Jugend*, n. 38, p. 13-24, 1990.
- KÖCHER, R. Tradierungsprobleme in der modernen Gesellschaft. In : FEIFEL, E., KASPER, W. (Orgs.). *Tradierungskrise des Glaubens*. München, 1987. p. 162-182.
- METTE, Norbert. *Pedagogia da Religião*. Petrópolis : Vozes, 1997.
- SANDRINI, Marcos. Pastoral da Educação : possibilidades e limites. *Revista de Catequese*, n. 71, p. 46-54, 1995.